

Tempo, transitoriedade e transgeracionalidade em “O tempo e o vento”

Denise Martinez Souza¹

RESUMO

A autora trabalha as questões do tempo e da transitoriedade a partir da obra *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo, buscando compreender, do ponto de vista psicanalítico, o impacto emocional do texto, levando em consideração o significado simbólico do tempo e do vento na trama urdida pelo autor, partindo dos conceitos de tempo mítico e tempo profano. Aborda questões tais como a transitoriedade, a repetição de determinados comportamentos nos personagens, ao longo das gerações, como uma manifestação inconsciente de aspectos transgeracionais. Trata das questões ligadas à finitude e à morte, analisando a forma peculiar dos personagens defrontarem-se com perdas e desventuras, tendo como hipótese uma forma de elaboração em que a perpetuação inconsciente de um tempo primevo superposto ao tempo presente aparece como saída.

Palavras-chave: Tempo mítico. Tempo profano. Finitude. Transitoriedade. Transgeracionalidade.

1 PRÓLOGO

Propor um diálogo entre psicanálise e literatura é sempre uma tarefa instigante que nos convoca, mesmo ao apresentar-se como difícil. Essa dificuldade aumenta mais quando o texto ocupou um lugar afetivizado em nosso espaço psí-

1 Psicanalista, membro Pleno e Presidente do CEPdePA.

quico e um caminho regressivo faz-se necessário percorrer em busca de memórias há muito afastadas de nosso pensamento, como se o passado atualizado trouxesse de volta, junto com a história do Rio Grande do Sul, uma parte familiar de nossa história que se encontra e se perde na história do Estado, na história de nossas origens. A leitura de *O tempo e o vento* teve sempre esse efeito sobre mim, misturar o estranho e o familiar, a ficção e a realidade.

Freud (1908 [1907]) refere que a leitura traz prazer pela atividade imaginativa em si mesma, prazer com o próprio devaneio. E acrescenta que um prazer preliminar obtém-se pela possibilidade de acompanhar cada passo dos heróis e suas tramas, acreditando na certeza de um desfecho prazeroso. Sair do lugar apaixonado do leitor, cuja única tarefa é sentir, substituindo-o pelo lugar do psicanalista, que deve colocar-se em uma distância ótima do texto para poder pensá-lo, sem nenhuma garantia de um bom desfecho, não foi tarefa fácil.

O desconforto em abrir mão de um tempo primeiro por esse tempo presente e o surgimento de uma ideia de profanação de algo da ordem do sagrado que irrompia como pensamento. Profanação, sagrado e sacrilégio eram associações que surgiam livremente e com intensidade afetiva que demandavam atenção e análise, surgindo a pergunta: por que a substituição do tempo passado pelo tempo presente ficava associada a ideias da ordem do religioso, tais como profanação, sagrado? Sabemos o lugar que a religiosidade ocupa no entendimento psicanalítico, fazendo pensar em ritos e pensamentos anímicos, na pré-história do homem e na pré-história do nosso desenvolvimento psíquico. Como ligar todas essas ideias? Elas teriam relação entre si? Qual seria?

2 TEMPO PROFANO E TEMPO MÍTICO

A literatura descreve a existência de um tempo mítico e um tempo profano, bem como correlaciona o conceito de tempo com o conceito de mito.

Junito de Souza Brandão (1996) explica que o tempo profano contrapõe-se ao tempo sagrado-mítico e coincide com o tempo cronológico. É linear, ao passado segue-se o presente e o futuro. Em seu caráter de irreversibilidade, o passado poderá ser lembrado, mas jamais poderíamos fazê-lo voltar.

O tempo mítico, entretanto, é um tempo circular, reversível, ritualizado, tendo por isso a possibilidade de voltar sobre si mesmo. Dessa feita, o passado poderia ser abolido e o mundo recriado.

Tendo em vista essa descrição, o tempo sagrado mítico, com sua atemporalidade definida, é o tempo do inconsciente, do princípio do prazer e do processo primário, enquanto o tempo profano é seu antitético consciente, regido pelo processo secundário e pelo princípio de realidade.

Encontramos assim o elo que faltava em nossa cadeia associativa e um esboço de interpretação é possível. Nosso desconforto em abandonar o tempo do passado pode ser explicado pela resistência em abrir mão do desejo e do prazer vivido, sendo revivido, recriado, sem os limites e princípios da realidade. O tempo presente e a realidade, com seu interdito, são a profanação do sagrado já vivido. Por sua vez, a consciência da irreversibilidade do tempo cronológico confronta-nos com a transitoriedade e a finitude.

Não foi difícil compreender que o drama travado em nosso íntimo nada mais era do que uma identificação com a trama do livro. Uma hipótese emergia soberana, *O tempo e o vento* traz em seu enredo o conflito entre a necessidade de viver no presente (Tempo Profano) e o desejo de fazer valer o passado (Tempo Mítico). Uma estória em que os personagens são previamente identificados pelo desejo que os antecede, os registros dos segredos não revelados urdem tramas, fiam determinações e criam marcas transgeracionais na subjetividade individual.

3 O TEMPO E O VENTO – A TRILOGIA

Lembremos como Erico Verissimo (1950) apresenta seus personagens.

Começemos por Pedro Missioneiro, índio nascido nas missões jesuíticas dos Sete Povos das Missões, quando o Rio Grande chamava-se Continente de São Pedro e pertencia à Espanha. Aparece na fazenda de Maneco Terra, quase moribundo, recupera-se e, apesar de sua instrução, submete-se a um trabalho servil e humilde, sem perder a aura de mistério e nobreza que o envolve.

Ana Terra, mulher de 25 anos, que vive trabalhando com a mãe a serviço do pai e irmãos, tendo uma vida rústica. Sonha sair da fazenda e ir morar num

povoado onde pudesse ir a bailes, ter vida social, casar-se. A mãe é uma figura boa e servil, sem voz e totalmente submetida ao marido.

Maneco Terra, homem honesto, tosco, analfabeto, taciturno, um apaixonado pela terra, sonhando com cultivo do trigo, esperançoso, acreditava conseguir com seu trabalho árduo e incansável prosperar como agricultor.

Pedro Terra, filho de Ana e Pedro Missioneiro, também sério, honesto e taciturno, como o avô, almejava prosperar através do plantio do trigo. Valorizava a integridade de caráter, a honra e a palavra dada.

Bibiana Terra, filha de Pedro Terra e neta de Ana, com quem se identifica. Sua mãe lembra a bisavó, boa, trabalhadeira e serviçal, mas que pouco acrescentava, não tinha histórias para contar.

Capitão Rodrigo Cambará, alegre, teatino, guerreiro e sedutor. Uma espécie de Dom Juan Gaudério, cuja honradez, valentia, sensualidade e arrogância mesclavam-se com uma moral pouco convencional, dotando-o de um caráter irresistível.

Analisemos a obra.

3.1 “O continente”, “a fonte” e as origens

“O continente” é o primeiro livro da trilogia e “A fonte” o seu início. Nele encontramos as origens de uma linhagem.

Começamos pelo nascimento de Pedro Missioneiro.

Uma índia chega às Missões já em final de gestação e é atendida pelos jesuítas. Essa índia dará à luz Pedro Missioneiro e morrerá no parto. Seu pai é desconhecido e tudo indica que a gravidez da mãe pudesse ter sido a consequência do abuso do conquistador sobre a conquistada. De qualquer sorte, o menino cria-se sem saber sua origem, sem saber sua história ou de seus antepassados. Nada sabe de si. Passa a dizer-se filho da Rosa Mística, da Virgem Maria. Como filho de Nossa Senhora, goza de poderes sobrenaturais; tem o dom da vidência e da premonição. Se o interesse fosse pensar a patologia, poderíamos dizer que delirava, que tinha alucinações. Acreditamos que fazê-lo nada acrescentaria a nosso entendimento. Preferimos pensar sobre o que diz Aulagnier sobre o Eu:

Es una necesidad de su funcionamiento situarse y anclar en una historia que sustituye un tiempo vivido-perdido por la versión que el sujeto se procura merced a su reconstrucción de las causas que lo hicieron ser, que dan razón a su presente y hacen pensable y investible un eventual futuro (AULAGNIER, 1992, p. 15).

Aulagnier (1992) nos diz que o ser humano, para constituir-se como sujeito, necessita um saber sobre sua origem, uma ontogênese psíquica para que possa situar-se quanto ao desejo que o precede e que o faz nascer. Precisa buscar nas palavras de um outro, habitualmente a mãe, uma versão que pareça oficial das razões que o fizeram existir e que torna possível pensar o presente e investir em um futuro.

O Eu é um historiador, um investigador incansável. Ao ser-lhe negada a possibilidade de construção do tempo vivido-perdido dos primeiros anos de vida, o sujeito construirá uma história, mesmo que seja delirante, para que possa dar sentido à sua existência.

No caso de Pedro o que temos: uma mãe morta e desconhecida e um pai ignorado. Pedro constrói para si uma história. Se na origem sua história profana é fruto do abuso, se nasce da morte, pelo menos que seja sagrada. Em vez de ser filho da mulher usada como puta, será filho da santa. Não será um mestiço bastardo, mas um ser especial que se comunica com a Virgem, que lhe anuncia o futuro dos próximos e o seu próprio. Cria, assim, um mito sobre sua origem, um mito que o coloca perto do divino e distancia-o do mundano.

Brandão (1996, p. 35) define que “[...] mito é o relato de um acontecimento ocorrido no tempo primordial, mediante a intervenção de seres sobrenaturais.”

Mircea Eliade², citada por Brandão (1996, p. 35-36), refere que a partir da “[...] interferência de entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o cosmo ou tão-somente um fragmento [...]”.

Sabemos que todo o mito terá origem divina, gozará de poderes sobrenaturais e terá como função a narrativa de uma criação: “[...] conta-nos de que modo algo, que não era, começou a ser.” (BRANDÃO, 1996, p. 36).

2 ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1949.

Perguntamos então: “O continente” seria uma espécie de cosmogonia mitológica regional? Uma invenção de um tempo primordial, um ponto de partida para explicar a existência do gaúcho, um povo que se sente à parte, diferente e diferenciado, um continente dentro de um país por si só continental?

Pedro Missioneiro é um personagem mítico que dá origem à família Terra Gaúcha, já que Maneco Terra, sua mulher e filhos eram paulistas. Ana Terra, ao ligar-se a Pedro, estará criando uma linhagem marcada pela miscigenação característica do povo gaúcho: português, espanhol e índio. Que outras marcas estariam sendo transmitidas através dessa união e que determinariam às gerações futuras um retorno do reprimido?

Freud (1939 [1934-38]), em seu texto “Moisés e o monoteísmo”, refere a possibilidade da transmissão entre gerações de um material reprimido que retornaria.

Aqui não estou empregando o termo ‘reprimido’ em seu sentido próprio. O que está em tela é algo na vida de um povo que é passado, perdido de vista, relegado, e que nos aventuramos a comparar com o que é reprimido na vida mental do indivíduo. [...] Temos de finalmente decidir-nos por adotar a hipótese de que os precipitados psíquicos do período primevo tornaram propriedade herdada, a qual, em cada nova geração, não existia aquisição, mas apenas um redespertar (FREUD, 1939 [1934-38], p. 156).

Essa transmissão poderá constituir-se como uma herança na coletividade, com muito mais propriedade pensá-la na transmissão familiar. Mas sigamos lembrando a estória.

Pedro Missioneiro, após muito guerrear, tendo sido ferido, aproxima-se da propriedade de Maneco Terra. Exaurido e exangue, desmaia perto do poço. Ana Terra encontra-o caído, quase morto. Assusta-se e chama o pai e os irmãos, que passam a cuidar do Missioneiro. Este se restabelece e passa a fazer pequenos trabalhos para o fazendeiro. Desde os primeiros contatos entre Ana e Pedro, uma onda de encantamento e atração instaura-se. Ana sente-se fêmea, sua feminilida-

de, acordada, clama por satisfação. A sensualidade e o relógio biológico reclamam por sexo e, por que não dizer, por um desejo de filho. Isso não aparece de forma consciente, mas de forma reativa, tem nojo e vontade de maltratar Pedro, forma de manter recalçado seu desejo por ele.

O pai, muito desconfiado com qualquer estranho, muito mais ainda com um índio, mantém Pedro à distância e sob observação. Com o passar do tempo, Pedro vai conquistando a família e a confiança de Maneco.

Ana havia muito estava subjugada pela atração que por ele sentia. O encontro de Pedro e Ana é apaixonado e trágico. A gravidez de Ana, consequência previsível e impossível de esconder, deve ser contada para a mãe. Quando o faz, o pai ouve. Maneco sentencia uma dupla morte. Ana, como filha, é declarada morta. Pedro deverá ser morto e seu corpo enterrado em lugar desconhecido.

3.2 Ana Terra: um mito de origem...

Comentamos sobre as marcas que estariam sendo geradas a partir do casal Ana Terra e Pedro Missioneiro. Quando ele “abusa” de Ana, o termo *abusa* está inserido dentro do contexto moral da época, não estaria fazendo com que seu filho tivesse uma origem semelhante à sua, com a diferença de que o abuso com Ana fora consentido? Não estaria Pedro, identificado com o agressor, experimentando ativamente o que sofrera passivamente? Não estaria de antemão definindo um futuro para seu filho, em que ele como pai não teria lugar, e definindo um destino em que o filho gerado por ele estaria fadado a ser um filho sem pai? Ana chamará seu filho de Pedro Terra, jamais falará ao filho sobre o pai e nega-lhe um saber sobre o desejo que o fez instituir-se sujeito, não terá o nome do pai, nem dele saberá. Institui, por sua vez, uma repetição em que o filho também terá um segredo na origem. Nascerá sem saber do pai e tendo parte de sua origem ignorada. O destino do pai missioneiro recai sobre o filho. O tempo passa, mas não avança, parece retornar sobre si mesmo.

A história se repete. Um tempo sagrado mítico que anula o passado e o recria, uma repetição se perpetua. A compulsão à repetição se faz presente e faz retornar o passado – uma vida marcada pela morte que se repete...

Freud, em seu texto “Moisés e o monoteísmo”, refere que: “[...] impressões mais primitivas, recebidas numa época que a criança mal era capaz de falar, produzem, numa ou noutra ocasião, efeitos de carácter compulsivo, sem serem elas próprias, conscientemente recordadas.” (FREUD, 1939 [1934-38], p. 153).

Encontramos indícios de repetição, encontramos objetos símbolos que se repetem geração após geração e se perpetuam. Objetos que, em nosso entendimento, simbolizam o que psiquicamente é transmitido de geração a geração. Temos a tesoura de Ana Terra, a roca de fiar de dona Henriqueta, sua mãe, bem como a palavra: “Dia de vento, dia dos mortos”.

Outro aspecto que é interessante pensar diz respeito aos pais que morrem na estória. Será que o pai mítico precisa morrer para que o filho possa viver? Aqui teríamos uma aproximação com importante mito de origem da mitologia grega, em sua primeira cosmogonia. Ana Terra seria uma Gaia/Rea que pela morte do pai do filho conserva viva a prole? Ana seria uma deusa-mãe geradora que precisa anular o pai para manter vivo o herdeiro? É necessário que o deus mítico da origem Pedro/Cronos morra para que uma linhagem sua sobreviva? Um pai que ameaça a existência dos filhos?

Outro mito vindo da Grécia insiste em se fazer incluir nessa linha de pensamento, e a tragédia dos Labdácidas ressurge para dar força ao mito edípico.

Comentamos anteriormente que Ana batiza o filho dando-lhe seu próprio sobrenome, ou melhor dito, o sobrenome de seu pai. Se lembrarmos que Maneco, ao descobrir que Ana está grávida do índio, diz não ter mais filha, outra via de entendimento descortina-se. Pedro recebe o nome do avô. Pedro Terra seria, então, inconscientemente o filho que Ana dá ao pai? Ana morre como filha e ressurge como mulher? Ana inconscientemente dá ao pai esse filho, nega a existência do pai real e, no incesto imaginário, participa do poder fálico do pai. Na estória que segue será Ana a chefe da família. O lugar que o pai ocupara será dela como matriarca. Falará em nome do pai, far-se-á valer como mãe e pai, condensará em si ambos os poderes. Ela fundará um clã matrilinear.

Sua influência nos destinos da família Terra é evidente, a começar pela vida do filho e da neta. Bibiana, como será chamada, já terá inscrito no seu nome a marca da repetição, duas vezes Ana.

Pedro Terra, em determinado trecho do livro, pensa em Bibiana e passa a descrevê-la:

“Havia nela muito da avó, principalmente a voz. Bibiana havia crescido à sombra de Ana Terra, [...] Depois que Ana Terra morrera, Pedro ficara com a impressão de que ela continuava a falar pela boca da neta” (VERISSIMO, 1950, p. 179).

Irá apaixonar-se pelo homem proibido, como a avó. Um homem que vem do incerto, que também desconhece a origem, pois não conheceu pai nem mãe.

Rodrigo, grande amor de Bibiana, repete um Pedro Missioneiro atualizado. Ambos, guerreiros que precisam provar a honradez pela coragem como soldados, precisam de um líder que lhes afiance a idoneidade pelos serviços prestados ao exército. Pedro Terra, como o avô, não aprova a escolha da filha e, muito a contragosto, acaba consentindo no casamento dela com Rodrigo Cambará.

As duas heroínas do romance estão fadadas a amar e no amor transgredir a lei paterna. Parecem estar ligadas a uma determinação inconsciente em que há a impossibilidade de fruir o prazer do convívio duradouro, já que ambas ficam viúvas muito cedo. Poderíamos traçar muitas outras correlações, mas esse não é o fim último deste artigo, e sim compreender a serviço do que a repetição se instala em *O tempo e o vento*.

4 TEMPO, TRANSITORIEDADE E TRANSGERACIONALIDADE

Partimos da hipótese de que o romance retrata a repetição inconsciente que se perpetua na vida dos personagens de uma geração para outra, como uma tentativa de borrar a diferença entre passado e presente, o primeiro anulando o segundo, como se houvesse um rito, não de passagem, mas de permanência. Um rito que se expressa nas escolhas objetais das heroínas.

Brandão descreve a ideia de que “[...] o rito abole o tempo profano e recupera o tempo sagrado do mito”. E acrescenta: “O profano é o tempo da vida; o sagrado é o tempo da eternidade.” (BRANDÃO, 1996, p. 40).

Parece-nos que o que sempre esteve subjacente seria a dificuldade de lidar com a transitoriedade, com a passagem do tempo e a finitude. Dificuldade que

entristece a alma humana, como já descrevera Freud (1916 [1915]) em seu texto “Sobre a transitoriedade”, em que a beleza da vida e da natureza estaria fadada à extinção. Nesse texto, que obviamente nos remete ao desamparo e à castração, a consciência da transitoriedade estaria na contramão de dotar de valor o objeto fadado à efemeridade, incluindo aí a própria vida. Freud irá contestar esse pensamento com sua célebre frase: “O valor da transitoriedade é o valor da escassez do tempo. A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor desta fruição.” (FREUD, 1916 [1915], p. 345).

O tempo e o vento é um livro que trata permanentemente da questão da vida e da morte. Nossos heróis e heroínas não vivem felizes para sempre, o romance não termina em *happy end*, ao contrário, é povoado de perdas. Os personagens envelhecem e morrem como qualquer ser humano ou, quando estão encantando-nos ao máximo, morrem, como acontece na história de Pedro Missioneiro e do capitão Rodrigo. As heroínas não ficam com seus amados, ficam viúvas relativamente moças, sem jamais voltar a amar, dedicando-se a criar seus filhos e seus netos. Por que, então, o fascínio dos leitores, incluindo adolescentes, em defrontar-se com a crueza de uma estória tão real, quem sabe até por demais?

O escritor tem esse talento único, fala das questões que mais nos angustiam enquanto sujeitos na terceira pessoa. Podemos nos aproximar do que mais nos assusta, tendo uma distância segura. Neste livro em particular o autor trata das questões que mais despertam a curiosidade humana: de onde viemos, o que somos e para onde vamos. Fala da necessidade do humano de saber a origem para poder significar a existência e, dessa forma, poder construir um caminho para a vida em direção à morte, no seu tempo. Há, porém, um anseio que nos acompanha desde sempre, um desejo de não morte, ou melhor dito, um desejo de impedir a morte ou pelo menos sobreviver a ela – um desejo de perenidade.

A dificuldade de lidar com o tempo, pois este remete-nos à finitude, fez com que o homem, desde o mais primevo momento da história, criasse mitos e tabus, usando seu mundo imaginário e seu pensamento anímico para defender-se da ideia da morte e da morte em si mesma.

No texto “Reflexões para os tempos de guerra e morte”, Freud fala-nos o seguinte, com relação à nossa atitude para com a morte:

[...] inevitável [...] que passemos a procurar no mundo da ficção, na literatura e no teatro a compensação pelo que se perdeu na vida. Ali encontramos pessoas que sabem morrer – que conseguem inclusive matar alguém [...]. Morremos com o herói com o qual nos identificamos; contudo, sobrevivemos a ele e estamos prontos a morrer novamente desde que com a mesma segurança com outro herói (FREUD, 1915, p. 329).

Se todo romance nos permite isso, pensamos que o texto de Verissimo garante-nos isso de forma muito especial, pois seus personagens lidam com a morte como algo inexorável, de forma destemida. Pedro Missioneiro, quando sabe da gravidez de Ana, antecipa sua morte e, mesmo instigado a fugir com ela, permanece aguardando, dizendo ser muito tarde. Espera pela morte tranquilamente, sabe morrer com resignação.

Rodrigo Cambará, por sua vez, chega a desejar a morte, não quer viver depois dos 50 anos e dizia querer morrer peleando, pois Cambará macho não morria na cama.

São personagens que se defrontam com a morte como enfrentam a vida, aparentemente sem temor. Não seria magnífico que todos pensássemos assim e fosse desse jeito que encarássemos a morte? Sem que façamos uma elegia mórbida, defendemos somente a ideia de que não se pode viver negando a morte, nem é possível driblá-la. É importante a consciência da transitoriedade, é o que nos permite viver mais plena e intensamente a vida, em todos os seus minutos.

Para nós, é visível que o autor alude, do início ao fim do romance, aos conceitos de origem, gerações e finitude, moções que o tempo contém em si mesmo e que são sopradas como o vento, e o vento carrega em si um determinismo. O vento como moção pulsional que impulsiona a vida para a morte no tempo.

Queremos relembrar a citação com que Erico Verissimo abre o livro:

Uma geração vai, e outra vem, porém a terra permanece. E nasce o sol, e põe-se o sol, e volta ao seu lugar onde nasceu. O vento vai para o sul, e faz seu giro para o norte e vai

girando o vento, e voltando fazendo seus circuitos (ECLÉSIASTES apud VERISSIMO, 1950, n.p.).

Essa escolha do autor fala-nos do tempo e de uma ideia de circularidade da vida e da morte, geração após geração, nascimento e vida – nascer do sol, pôr do sol –, a morte e a volta ao lugar onde nasceu; traria uma ideia de algo que se perpetua através das gerações.

Para os seres humanos em geral, a garantia de manter-se vivo na memória de seus descendentes se faz possível, se tudo correr bem, até a terceira geração somente. Nossa pequena garantia de imortalidade assegurada pela procriação, seguirmos vivos na memória de nossa descendência. Seremos lembrados por nossos filhos e netos, talvez um e outro tenha a sorte de seguir vivo na memória de algum bisneto. Depois cairemos no esquecimento, depois não haverá rastro de nossa existência. Neste romance, observamos claramente isso acontecer e que as heroínas conseguem manter vivos na memória seus amados, forma de elaboração normal do luto pela perda do objeto amorosamente investido, bem como os netos lembram bem de seus avós. Porém, o que nos interessa ressaltar e compreender é a repetição na terceira geração do que aconteceu na primeira. Obviamente não seria porque na memória o objeto se mantém vivo, mas sim a ideia do segredo da origem.

Observemos que Ana Terra nunca conta a Pedro, seu filho, sobre seu nascimento, não fala do pai, apesar de dizer-se viúva. Adota o sobrenome Terra para o filho, seu sobrenome e do pai. O que é feito do nome do pai de Pedro? O que é feito de Pedro Missioneiro na história de Pedro, o filho? Uma repetição do que o Missioneiro vivera perpetua-se a partir da mãe.

Pedro Terra terá uma filha, que, por sua vez, repetirá a história da avó. Pedro realiza de certa forma o desejo da mãe? É em Bibiana que a história da avó se repete. Um desejo que se perpetua com marca identificatória e que antecipa um destino futuro que nada mais é do que uma atualização modificada do passado. Que se faz vivo através de uma trama transgeracional, em que os objetos amados seguem vivendo no psiquismo, no olhar das mulheres e projetados na sua descendência.

Importante retomar um trecho do livro, quando Ana Terra, grávida de Pedro Missioneiro, já tendo este sido morto brutalmente pelos irmãos, pensa: “ela trazia

Pedro dentro de si. Pedro ia nascer de novo e o mundo não era tão mau” (VERISSIMO, 1950, p. 107). Com esse pensamento, Ana anula o tempo cronológico e a morte e cria uma circularidade que irá marcar as futuras gerações, pois no seu inconsciente o tempo sagrado do mito fica assegurado, já que um mito não morre.

Já em Bibiana, percebe-se muito claramente a forma inconsciente que encontrará de driblar o tempo cronológico e a morte, pelo rito de perpetuar no outro um outro que não ele mesmo. No seu mundo imaginário os mortos vivem na sua descendência, mesmo que para isso parte da subjetividade fique comprometida, subjugada e submetida, silenciosamente, pela repetição.

Bibiana, no Sobrado, ao olhar para Licurgo, pensa ver “todos os seus mortos queridos no semblante do menino. Pedro, Ana, Bolívar [...] a maneira que Curgo tinha de olhar as pessoas, com a cabeça atirada para trás, era francamente de Rodrigo [...]” (VERISSIMO, 1950, p. 514). Em outra passagem, aparece: “[...] o neto era uma mistura de Pedro Terra, do capitão Rodrigo e de Bolívar. Três homens num só [...]” (VERISSIMO, 1950, p. 580).

Bibiana, em “Um certo capitão Rodrigo”, está à beira do túmulo do marido em um dia de finados e pensa:

Em breve tiraria o luto do corpo: vestira-se de preto porque era um costume antigo. Afinal de contas para ela o marido estava e estaria sempre vivo. [...] lançou um último olhar a sepultura de Rodrigo e achou que afinal de contas tudo estava bem. [...] Podiam dizer o que quisessem, mas a verdade era que o capitão Cambará tinha voltado para casa (VERISSIMO, 1950, p. 296).

Rodrigo está imortalizado por ela, um Rodrigo mito, que transcende ao homem mortal.

Finalizando, gostaríamos de mencionar que existe outra via, que não a criação de filhos, para alcançar a imortalidade – a criação de obras de arte. Através de sua obra o criador se imortaliza. Pensamos que esse é o destino de Erico Verissimo com sua criação literária, em especial *O tempo e o vento*. Com certeza, seu nome já está consagrado, seguirá vivo e lembrado pelas gerações vindouras.

REFERÊNCIAS

AULAGNIER, P. **El aprendiz de historiador y el maestro brujo**. Buenos Aires: Amorrortu, 1992.

BRANDÃO, J. Mito, rito e religião. *In*: BRANDÃO, J. **Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 1996. v.1.

FREUD, S. (1908 [1907]). Escritores criativos e devaneios. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição standard brasileira, 9).

FREUD, S. (1915). Reflexões para os tempos de guerra e de morte. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição standard brasileira, 14).

FREUD, S. (1916 [1915]). Sobre a transitoriedade. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980 (Edição standard brasileira, 14).

FREUD, S. (1939 [1934-38]). Moisés e o monoteísmo. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980 (Edição standard brasileira, 23).

VERISSIMO, E. **O tempo e o vento**. Porto Alegre: Globo, 1950.

A consagrad name to Time and Wind

ABSTRACT

This report raises questions about the “The time and the wind”, an Erico Verissimo’s book, from the psychoanalytic point of view and analyzing the emotional text impact considering the symbolic meaning of the words time and wind in the story created by the writer. The transitorily, the repetition of certain behavior of the past generation would be understood by the unconscious aspects of the intergenerational relations. The development of some ideas such as the particular form of some performers realize the lost, death and miserable destinies, are interpreted here including the necessity to maintain the primary time instead of the current time.

Keywords: Psychoanalysis. Unconscious (Psychology). Intergenerational relations.

Un nombre consagrado al Tiempo y el Viento

RESUMEN

El autor busca comprender el libro “El Tiempo y el viento” de Erico Verissimo desde el punto de vista psicoanalítico, analizando el impacto emocional del texto sobre la significación del tiempo y del viento en la urdidura de la trama del escritor. Además evaluando la estructura de la obra se propone a pensar cuestiones como la transitoriedad y la repetición de comportamientos de los personajes a lo largo de las generaciones como una manifestación del inconsciente en la transgeneracionalidad. A continuación, desarrolla ideas sobre la forma particular de los personajes enfrentaren el duelo, la muerte y los infortunios, creando una hipótesis para el fenómeno que tenía que ver con la manutención de un tiempo temprano que se superpone al presente.

Palabras clave: Tiempo mítico. Compulsión a la repetición. Finitud. Transitoriedad. Transgeneracionalidad.